

DA ESCOLA AO TRABALHO – AS EXPECTATIVAS DE JOVENS ALUNOS EM
RELAÇÃO AO MUNDO DO TRABALHO
Christiane Menezes **Rodrigues** – UENF
Agência Financiadora: IF Fluminense - RJ

Introduzindo a temática

Este artigo pretende refletir sobre as expectativas em relação ao mundo do trabalho de jovens alunos do curso técnico de nível médio integrado em Eletrônica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF Fluminense), no município de Campos dos Goytacazes/RJ. Para fins deste estudo, vale-se de parte dos resultados parciais¹ de uma pesquisa com vistas à obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais².

A pesquisa é de natureza qualitativa, cujo trabalho de campo se pautou em 28 entrevistas individuais padronizadas, em um roteiro semi estruturado, com questões abertas e semi-abertas, e em uma entrevista em grupo, denominada como grupo focal que obteve a participação de 12 alunos. Os sujeitos da pesquisa são os jovens alunos do terceiro ano do curso citado, na faixa etária entre 16 a 29 anos.

Os referidos alunos são integrantes da primeira turma regular, constituída após a retomada da modalidade integrada no ano de 2004, extinta desde o ano de 1997, no âmbito do IF Fluminense. Tal modalidade admite a possibilidade de articulação entre a educação profissional técnica de nível médio e o ensino médio. Neste último ano foi promulgado o decreto de nº. 2.208, que definia que a organização curricular da educação profissional de nível técnico deveria ser oferecida de forma concomitante ou sequencial ao ensino médio, extinguindo assim desse nível de ensino, a modalidade integrada. Todavia, em 2004, o decreto de nº. 5.154, revoga o anterior, e retoma a referida modalidade.

Baseia-se em Ciavatta (2005) quando se entende que um dos pressupostos para a efetivação de uma formação integrada e humanizadora se concretiza quando os sujeitos sociais envolvidos são ouvidos, no intuito de apreender as “visões” que estes têm de si mesmos; das possibilidades formativas que a instituição escolar lhes oferece, bem como

¹ Dizem-se resultados parciais visto que a análise dos dados está sendo processada, à luz dos referenciais teóricos que embasam este estudo, no presente momento.

² A referida dissertação de mestrado que se encontra em andamento na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, no Centro de Ciências do Homem.

do que eles acreditam como reais necessidades de inserção social e laboral através da referida formação.

Juventude – uma construção sócio cultural

O entendimento das pesquisas realizadas em torno da juventude tem se voltado em conceituá-la enquanto uma construção sócio-cultural, onde se pressupõe que as noções sobre ela variam de acordo com os contextos social, histórico, econômico e cultural em que são formuladas, e que possibilitam a afirmação que a juventude não deve mais ser concebida como uma fase da vida, como um processo que enfatiza somente os aspectos etários. (Pais, 1993; Sposito, 2002, 2007; Dayrell 2000; Camacho, 2004).

Sposito (2007) aponta que a crescente visibilidade da juventude como alvo da ação pública se remete sempre para os desdobramentos da conjuntura sócio-econômica, provocando o debate do desemprego juvenil. O cenário de crise e de produção de desigualdades nas sociedades capitalistas reflete a situação do jovem no mercado de trabalho, confirmando esse “problema da juventude”.

A discussão acerca do trabalho coloca-se como uma das grandes preocupações no campo das políticas públicas para a juventude, mostrando a necessidade de que haja ações concretas tendo em vista a diminuição da exclusão desse grupo social e da limitada oferta de oportunidades no mundo do trabalho.

Neste sentido, os jovens devem ser reconhecidos no presente como um dos grupos sociais mais atingidos pelas inúmeras transformações no mundo do trabalho, e que este reconhecimento gere mais ações públicas, tanto no que se refere ao ingresso, quanto no que diz respeito à permanência do jovem no mercado de trabalho.

Mudanças estruturais no capitalismo contemporâneo: reflexos no mundo do trabalho e no âmbito educacional

As múltiplas transformações existentes no cenário econômico, político e social, no mundo capitalista a partir da década de 1970, intensificando-se nos anos de 1980 e 1990 até os dias atuais vêm eclodir de forma incisiva no mundo do trabalho – principalmente no que tange ao advento das novas tecnologias e modelos organizacionais.

Harvey (1996) entende esse processo como uma transição de um regime rígido de produção do capital para um novo padrão de acumulação “integrado” e flexível,

exigindo a formação de um novo trabalhador, mais adaptável às novas demandas do mercado, num contexto de precarização das relações de trabalho, que tem por fim, como consequência mais dramática o desemprego, que afeta diretamente à juventude.

Corrochano (2008) afirma que as mutações no mundo do trabalho fazem com que haja a necessidade de um olhar aprofundado para o percurso dos jovens nessa esfera, porque no Brasil o trabalho faz a juventude. Isso não significa dizer que esteja clara uma defesa de inserção precoce dos jovens no mundo do trabalho; ao contrário, a defesa é por alterações nos quadros de desigualdades existentes em nossa sociedade, o que implica em mudanças de ações e valores sedimentados sob o ponto de vista histórico-social.

O debate da formação integrada e as expectativas em relação ao mundo do trabalho

Os jovens relatam que a experiência da formação integrada no curso técnico de eletrônica não lhes deixou claro o que é a formação integrada, e por fim, para que realmente estão preparados ao fim dessa etapa de ensino.

Olha, pra falar a verdade no ensino não me sinto muito preparada não, não sei se dá logo pra arrumar um emprego ou se dá pra tentar uma faculdade. Eu estou meio perdida ainda. (JOVEM ALUNA, 16 anos)

Eu sempre quis fazer um curso técnico, pra entrar logo no mercado de trabalho e ajudar minha mãe, mas não sei se dá logo de cara, e o vestibular eu também acho que não. Não sei eu acho que eu tenho que fazer um outro curso técnico pra me dar mais base e junto um cursinho pré vestibular. (JOVEM ALUNO, 18 anos)

Outro dado relevante se refere a intenção e a viabilidade oferecida pelo curso em ingressar rapidamente no mercado de trabalho. Sobre isto, as análises realizadas por Frigotto, Ramos e Ciavatta (2005) apontam que a defesa de um ensino médio integrado deve pautar-se em expectativas sociais mais amplas do que simplesmente preparar de forma linear para o mercado de trabalho.

Não me sinto muito preparada não, mas eu acho que o aluno que faz só o ensino médio integrado ele é mais adiantado porque ele pode procurar logo um emprego, porque ele já tem uma profissão, e depois se ele quiser, ele pode fazer vestibular, mas vai ter que fazer um cursinho pra se preparar melhor (...) eu acho que a escola tinha que ajeitar melhor essa coisa do vestibular com a área técnica. (JOVEM ALUNA, 20 anos)

As falas expostas explicitam que o decreto nº. 5.154/2004 retoma não apenas uma modalidade de ensino outrora revogada, mas, sinaliza e chama a responsabilidade para a construção de um ensino médio de qualidade, como um direito de cidadania e de

justiça e que, paralelamente, prepare o educando a operar as bases científico-tecnológicas, bem como as constantes transformações no mundo do trabalho.

As expectativas dos jovens alunos frente ao mundo do trabalho: a falta de experiência e a insegurança como dilemas

Os jovens alunos, em sua maioria, apontaram que logo que terminarem o curso irão galgarem um posto de trabalho, seja na área de eletrônica, seja em outras quaisquer. Percebe-se que esse fenômeno de empregabilidade rápida reflete as condições sócio-econômico menos favorecidas de grande parte dos alunos entrevistados, e o anseio de alcançar o mais breve possível as tão sonhadas independência financeira e liberdade, que eles acreditam que só o trabalho lhes podem trazer.

Olha eu penso logo em começar a trabalhar quando eu sair da escola (...) eu fiz alguns cursos e no final do ano vou fazer outros cursos pra somar no meu currículo; eu acho que eu vou sair entregando currículo pra tudo quanto é lado (risos) e vamos ver se eu dou sorte e consigo alguma coisa. (JOVEM ALUNO, 21 anos)

Outro aspecto a ser discutido é a avaliação que os estudantes fazem sobre a sua falta de experiência profissional, o que ocasiona um sentimento geral de insegurança e incertezas em relação ao futuro.

As empresas, hoje em dia, estão exigindo experiência profissional para os jovens. Eu por exemplo, não tive experiência profissional, como eu vou entrar pra uma empresa que me exigir isso? Se nenhuma empresa me der uma oportunidade, como eu vou trabalhar? “Eu acho que as empresas tinham que ser mais abertas pra isso”. (JOVEM ALUNA, 19 anos)

Os resultados parciais desta pesquisa, no que tange à empregabilidade, demonstram que a percepção de boa parte dos jovens alunos de cursos técnicos admite que um diploma de técnico não necessariamente garante acesso ao trabalho e ao emprego. Acredita-se que as dificuldades de acesso se remetem às modificações nas estruturas produtivas, especialmente com a introdução de novas tecnologias, que alteram dentre outras questões, o funcionamento do mercado de trabalho e os modos de vida dos próprios jovens.

Considerações finais

O presente artigo apresentou os resultados parciais da pesquisa sobre as expectativas dos mesmos frente ao mundo do trabalho. Os sentidos e os projetos de futuro em relação ao trabalho estão relacionados às suas necessidades de vida, mas também como um meio de alcançarem sua liberdade para vivenciarem momentos de lazer; para aquisição de bens e consumo, e por fim, para alcançarem uma certa autonomia e independência em relação às suas famílias.

Um aspecto que pareceu ser comum a todos os sujeitos é o sentimento de dúvida e incerteza no que se refere ao alcance de um lugar digno no mundo do trabalho. A configuração de um novo modelo de trabalhador, exigido pelo processo de reestruturação produtiva, e seus processos de precarização das relações de trabalho, aliado à falta de experiência profissional e a idade precoce se mostraram como fatores decisivos que desencadeiam um sentimento de fragilidade quanto ao futuro profissional e pessoal dos jovens.

RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº. 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o §2º. do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DF: 23 de julho de 2004.

_____. Decreto nº. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º. do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei de nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: DF: 17 de abril de 1997.

CAMACHO, L.M.Y. A invisibilidade da juventude na vida escolar. *Perspectiva*, Revista do Centro de Ciências de Educação, Florianópolis, n 22, p. 325-341, julho/dezembro 2004.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. (orgs.). *Ensino Médio Integrado: concepção e contradições*. São Paulo, Cortez, 2005.

CORROCHANO, M. C.... [et al.]. *Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Ação Educativa, Instituto ibi, 2008.

DAYRELL, J. Juventude e escola. In: SPOSITO, M. *Estado do conhecimento: juventude*. Brasília: INEP. 2000.

FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, MARISE. A gênese do decreto nº 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. *Revista Trabalho Necessário*, ano 3, numero 3, 2005.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1996.

PAIS, J. M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

SPOSITO, M. (ORG.). Juventude e escolarização (1980-1998). Brasília: MEC/Inep/Comped. pp. 95-134. 2002.

_____. Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras (coord.). São Paulo: Global, 2007.